

O uso de metáforas e metonímias por pacientes esquizofrênicos à luz da Teoria da Metáfora Conceptual

A Conceptual Metaphor Theory analysis of the use of metaphors and metonymies by schizophrenia patients

Marcus Lepesqueur ¹, Rodrigo Vianna de Almeida ², Luiz Filipe Mazzingly ¹
e Adriana Maria Tenuta ¹

¹ Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil. ² Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, Brasil.

Resumo

Boa parte da literatura psiquiátrica até o final do século XX sugeriu *déficits* de produção e compreensão metafóricas por parte dos pacientes com esquizofrenia. Porém, com os estudos da Linguística Cognitiva, passou-se a compreender que a linguagem humana é, por natureza, metafórica. Neste trabalho, a teoria da Metáfora Conceptual é apresentada a fim de se analisar a produção da linguagem figurativa na fala de cinco pacientes diagnosticados com esquizofrenia. Os procedimentos de análise utilizados foram: o Procedimento de Identificação de Metáforas; o *Metaphor Annotation for Source-Target Domain Mappings* e a conseguinte conclusão qualitativa de trechos identificados como conotativos. Os resultados revelaram que os pacientes com esquizofrenia produziram tanto metáforas, como metonímias conceptuais: em média, 2,4% de sua fala correspondeu a trechos figurativos, sendo 10,6% dos quais criativos. Dos mapeamentos, 31,5% corresponderam à metáfora conceptual “conceito abstrato é entidade física”, e 4,8% à metonímia “instituição por pessoas responsáveis”. Conclui-se que, sendo a linguagem fruto da cognição que se estabelece na interação com uma cultura, a fala de esquizofrênicos revela alguma cognição metafórica e metonímica.

Palavras-chave: esquizofrenia; linguagem figurativa; linguística cognitiva.

Abstract

Part of the psychiatric scientific literature until the end of the 20th century has suggested deficits in metaphor production and comprehension by patients with schizophrenia. However, Cognitive Linguistics studies gave rise to understanding human language as inherently metaphorical. In this work, the speeches of five schizophrenic patients are analysed aiming to investigate the figurative language production. Three data analysis procedures were used: the Metaphor Identification Procedure; the Metaphor Annotation for Source-Target Domain Mappings and the consecutive qualitative conclusion of connotatively identified fragments. Results revealed that schizophrenic patients produced both conceptual metaphors and metonymies: on average, 2,4% of their speech were figurative expressions, 10,6% of

which being creative. Among mappings, 31,5% concerned the conceptual metaphor “abstract concept is physical entity”, whereas 4,8% concerned metonymy “institution for people responsible”. Thus, as language is a consequence of cognition settled in interaction with a culture, the schizophrenic speech reveals some level of metaphoric and metonymic cognition.

Keywords: *schizophrenia; figurative language; cognitive linguistics.*

1. Introdução

Um mero olhar para a literatura sobre o uso de metáforas por esquizofrênicos permite notar que diferentes métodos e definições de metáfora chegam a diferentes conclusões. O próprio conceito de esquizofrenia, aliás, perpassou tão diferentes visões que, ainda hoje, carece de concordância unitária (cf. Elkis, 2000)¹. Não obstante, da fala de esquizofrênicos por vezes infere-se um pensamento concreto, sugerindo que os pacientes não compreenderiam nem se utilizariam de linguagem figurativa, como metáforas e metonímias. Este artigo propõe, então, apresentar uma abordagem da Linguística Cognitiva (LC), a saber, a Teoria das Metáforas Conceptuais, como um recurso que permite acessar o uso cognitivo de metáforas absorvidas da cultura a partir das expressões linguísticas. Fornece-se, assim, alternativa de solução a um problema conferido à sintomatologia dos “transtornos do pensamento”, isto é, à circularidade de se inferir pensamento a partir da linguagem enquanto se vê a linguagem como fruto do pensamento (Rochester, 1980). Essa semiologia descritiva não atinge uma etiologia. Contudo, ainda que sintomas linguísticos ou cognitivos da esquizofrenia sejam meramente descritos², sempre há, qualquer que seja a descrição, pressupostos teóricos a ela subjacentes (cf. Popper, 1935/2005), cujas contradições entre si podem explicar o cerne de incoerências na literatura. A proposta da LC como opção de modelo teórico será averiguada por meio da localização de metáforas e metonímias conceptuais na fala de cinco pacientes com esquizofrenia.

1.1. Revisitando a literatura sobre linguagem figurativa e esquizofrenia

Ao longo da primeira metade do século 20, confundiram-se os estudos que delinearão o conceito e o diagnóstico da esquizofrenia com aqueles que associaram a alguns de seus sintomas um uso anormal da linguagem (ver Kasanin, 1944). Desde então, a maioria dos estudos tem se empenhado em demonstrar *déficits* na compreensão e na conseguinte produção conotativas por parte dos pacientes. Em 2001, Lynn DeLisi coletou uma amostra de 54 artigos datados de 1959 a 1997, fazendo uma busca na plataforma *Paperchase* pelos termos “*language*”, “*schizophrenia*”, “*speech*”, “*syntax*” e “*semantics*”. Dessa amostra, 25% trataram de compreensão linguística geral. Essa parte compreendida por um quarto do total é dividida pelos 3,85% que demonstram interpretações equivalentes entre esquizofrênicos e controles e pelos 21,15% que indicam interpretações mais prejudicadas em pacientes em relação a controles. Entrementes, 40,38% do total tratam de produção: 15,38% advogando uma produção dos pacientes equivalente aos controles, e 25% apresentando produção mais prejudicada em relação aos controles. Esses percentuais consideram os 34,62% que não tratam de semântica ou de comparação entre esquizofrênicos e controles (a partir de DeLisi, 2001).

Loren Chapman (1960, p.412) traz como uma definição usual de metáfora a extensão da aplicabilidade de uma palavra a fim de sugerir similaridade ou analogia entre ideias, objetos ou eventos. Com o intuito de averiguar o quanto pacientes com esquizofrenia cometem erros de considerar literal uma expressão metafórica em comparação aos erros de considerar metafórica

uma expressão literal, a autora constrói um questionário de 40 itens, dos quais 20 continham frases metafóricas e os outros 20 continham a mesma frase sendo utilizada em sentido literal, sendo a diferença entre um sentido e outro determinada pelo contexto (Chapman, 1960, p.413). A autora defende que os resultados indicam maior susceptibilidade por parte dos esquizofrênicos em cometer erros literais, comparativamente aos grupos controle³, acrescentando que o grupo clínico comete mais erros literais que figurados.

Corroborando esses resultados, Cutting e Murphy (1990) realizaram um trabalho semelhante, cujo propósito foi investigar o grau de dificuldade de pacientes com esquizofrenia ao interpretar frases com sentido metafórico, em comparação a pacientes maníacos e depressivos. Os esquizofrênicos, de acordo com os autores, apresentaram maior dificuldade em interpretar frases com sentido conotativo, como “Davi ficou amarelo quando ele enfrentou o inimigo”. Tais pacientes tenderiam a interpretar que houve uma descoloração no sujeito, e não que ele foi covarde. Assim, houve uma maior tendência entre os esquizofrênicos, em relação aos maníacos e aos depressivos, para selecionar o significado literal da sentença ao invés do seu sentido figurado (Cutting & Murphy, 1990). Julio e Conzalo (2012), que reconhecem as metáforas como uma relação entre significado e significante, nos termos da semiologia de Ferdinand de Saussure, sugerem que esquizofrênicos não interpretariam corretamente as metáforas na linguagem cotidiana devido a um *déficit* de simbolização. De acordo com os autores, os esquizofrênicos apresentam mais dificuldades de compreensão de piadas, poemas, provérbios e símbolos visuais quanto mais aguda fica a doença (Julio & Conzalo, 2012).

Por sua vez, Ellevåg, Helsen, De Hert, Sweers e Storms (2011) realizaram um estudo de compreensão e produção metafóricas em esquizofrênicos e controles, cujos resultados não advogaram assiduamente o concretismo. Os autores contestaram alguns dos métodos tradicionais, como o uso de *priming* semântico e métodos estatísticos baseados na média⁴, que poderiam enviesar resultados que consolidam o concretismo em pacientes esquizofrênicos, levantando o questionamento de se outros métodos trariam outros resultados.

Há ainda a questão das diferenças entre estudos sobre compreensão e produção metafóricas. Por exemplo, Ellevåg, Wisniewski e Storms (2010), ao explorarem diretamente interpretações de novas expressões não literais, sugerem que pacientes tanto interpretam conceitos, como utilizam processos cognitivos para acessar esses conceitos de maneira similar a não esquizofrênicos. Isso levou a uma conclusão importante sobre a diferença entre se observar a compreensão e a produção: concluiu-se que a produção incomum de discurso por parte de pacientes com esquizofrenia não pode ser atribuível à maneira como eles representam e combinam conceitos, já que essa foi contundentemente similar à do grupo controle. No estudo de 2011, Ellevåg *et al.* emparelharam um grupo de 21 controles a um de 21 pacientes, em termos de idade e nível educacional. Sete dos esquizofrênicos utilizaram-se de metáforas para descrever raiva, medo, tristeza e amor, enquanto onze dos controles utilizaram-se de metáforas para descrever todas as seis emoções, incluindo felicidade e desejo. Essa quantidade de produção metafórica foi julgada estatisticamente semelhante⁵. Para as mesmas seis emoções, foram apresentadas metáforas conceituais inspiradas no trabalho de Kövecses (2000, *apud* Ellevåg *et al.*, 2011) e a compreensão foi medida por perguntas sobre o significado das metáforas. Houve um efeito de grupo indicando mais interpretações literais em pacientes que em controles, e mais interpretações metafóricas em controles que em pacientes. Os dois grupos foram equiparáveis em produção de interpretações bizarras e idiossincráticas. Ainda, pacientes e controles foram avaliados quanto à interpretação de metáforas temporais, resultando em nenhuma diferença significativa (Ellevåg *et al.*, 2011).

Presume-se, enfim, a adoção de diversos métodos investigativos e conceitos de metáfora. O quadro teórico da LC pode ser profícuo a essa discussão na medida em que ele não considera a linguagem como um módulo isolado da cognição humana, mas traz uma nova visão da linguagem como sendo integrada a outros aspectos cognitivos humanos. Em particular, a teoria das metáforas e metonímias conceptuais de Lakoff e Johnson (1980) parece adequada para se descrever a sistematicidade das metáforas do dia-a-dia e sua relação com o funcionamento cognitivo propriamente.

1.2. O quadro teórico da Linguística Cognitiva (LC)

A LC se apresenta como um agrupamento de teorias que associam, cada qual à sua maneira, a linguagem em seu uso a fenômenos cognitivos subjacentes. Segundo Varela, Thompson e Rosch (1991/2001), a LC compõe o terceiro estágio das ciências cognitivas, para cuja denominação ainda não há um termo muito bem definido; todavia os autores a chamam de fase da “enacção”. Para essa fase surgem três questionamentos:

O primeiro é que habitamos um mundo com propriedades particulares, tais como o comprimento, a cor, o movimento, o som, etc. O segundo é que adotamos ou recuperamos essas propriedades representando-as internamente. O terceiro é que existe um “nós” separado e subjetivo que opera todas estas coisas. (Varela, Thompson & Rosch, 1991/2001, p.32)

Esses questionamentos não aparecem no segundo estágio da ciência cognitiva que é denominado pelos autores de “emergência” ou também de “conexionismo”. Neste estágio, “uma representação consiste na correspondência entre emergência de um estado global deste tipo e as propriedades do mundo; não se trata de uma função de símbolos particulares” (Varela, Thompson & Rosch 2001/1991, p.31-32). E é exatamente isso que a fase da enacção critica, visto que ela “questiona a centralidade de alternativas ao processamento simbólico” (Varela, Thompson & Rosch 2001/1991, p.32).

O termo enacção é, portanto, utilizado por esses autores para contrapor estas ideias: não existe alguma mente ou algum mundo preestabelecidos, “mas antes a actuação de um mundo e de uma mente com base numa história da variedade das acções que um ser executa no mundo” (Varela, Thompson & Rosch, 2001/1991, p.32), além de, nessa fase, corroborar-se a ideia de corporeidade⁶, ou mente corpórea, designando como os processos cognitivos não estão dissociados das experiências de um corpo no mundo.

1.2.1. A teoria das metáforas conceptuais de Lakoff e Johnson (1980)

Um dos marcos da LC é a Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por George Lakoff e Mark Johnson, segundo a qual as metáforas não são meramente um artefato retórico encarcerado na intencionalidade poética ou estilística, como exemplificado na visão de Mattoso Câmara Jr. (1973, p. 117): “o efeito, chamado linguagem figurada, é principalmente um traço estilístico, como recurso para infundir a força da emoção ou do apelo (no sentido de Bühler) à representação de um ‘objeto’”, mas elas compõem a comunicação e a cognição quotidianas, de modo que, independente de ser reconhecida como uma metáfora tradicional na expressão linguística, uma expressão pode revelar metáforas conceptuais, isto é, existentes no sistema conceitual, cognitivo. Desse modo, os autores propõem que as metáforas conceptuais são o produto de um mapeamento cognitivo entre diferentes domínios experienciais (posteriormente conhecidos como

domínio alvo e domínio fonte), que estabelece correspondências entre esses domínios e lhes atribui um sentido. Assim, por exemplo, na metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA⁷, o conceito de discussão (domínio alvo) pode ser compreendido em termos de uma guerra (domínio fonte), permitindo construções linguísticas como “vou me defender dos argumentos dele”. Nas palavras dos autores,

na medida em que os conceitos são metaforicamente estruturados de uma maneira sistemática, por exemplo, TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, é-nos possível usar expressões (construir, fundamentação) de um domínio (EDIFÍCIOS) para falar sobre conceitos correspondentes no domínio metaforicamente definido (TEORIAS) (Lakoff & Johnson, 1980/2003, p.52)⁸.

Com essa teoria, a presença de metaforicidade é trazida aos mais quotidianos eventos do pensamento e, por conseguinte, do discurso; não só com referência ao senso comum, mas também a discursos científicos, teóricos: se vasculhada a história da filosofia e das ciências, encontram-se demasiadas metáforas em suas mais fundamentais estruturas (ver Lakoff & Johnson, 1999). Haveria, para os autores, três grandes categorias de metáforas conceituais: estruturais, orientacionais e ontológicas (Lakoff & Johnson, 1980). Quando determinados elementos de um domínio experiencial são utilizados para se entender, em seus termos, um conceito em outro domínio, tem-se uma metáfora estrutural. Os elementos associados de um e outro campo são ditos “mapeados”, de modo que o conceito do *domínio alvo* é estruturado metaforicamente em termos de alguns dos elementos de um *domínio fonte*. Um exemplo de metáfora estrutural encontrado nos dados fornecidos pelos participantes do presente estudo é:

[1] “agora eu tô *vendo* tudo real”.

Esse exemplo expressa a metáfora CONHECER É VER, na qual o conceito de “conhecer”, “pensar” ou “entender” é estruturado em termos de “ver”, “enxergar”.

As metáforas orientacionais, diferentemente das estruturais, não apresentam um conceito “estruturado” em termos de outro, mas organizam todo um sistema de conceitos, uns em relação a outros, em termos de orientações como cima-baixo, dentro-fora, sobre-sob, frente-trás etc., o que se deve à corporeidade da experiência humana no mundo físico e cultural. Um exemplo é FELIZ É PARA CIMA, TRISTE É PARA BAIXO: “estou com alto-astral”, “levante a cabeça, não abaixe a cabeça para ninguém”, “ele está depressivo”, que se embasa na experiência da postura baixa do bradipsiquismo abúlico da depressão e na inversa postura ereta e atitude animada no taquipsiquismo hipertímico. No *corpus* coletado nesta pesquisa encontramos os seguintes exemplos desse subtipo metafórico:

[2] “eu me tornei mais religioso, *voltado pra Deus*”

[3] “estava *afastado dos estudos*”

nos quais se encontram instâncias da metáfora orientacional DEDICAR-SE É APROXIMAR-SE. Em ambos os casos utiliza-se um sistema orientacional (de direção em [2] ou de distância e [3]) para expressar noções de dedicação ou de atenção em relação a determinado tema.

Já as metáforas ontológicas, por fim, trazem elementos de substância ou entidade (de um ser, uma coisa que é) no domínio fonte, com os quais compreende-se o conceito do domínio alvo. Na fala de um participante deste estudo, por exemplo, ocorreu a expressão:

[4] “ele quer tirar a culpa dele e jogar a culpa em mim”

que expressa a metáfora CULPA É OBJETO FÍSICO. Embora essa seja uma instância de metáfora ontológica, devido à reificação de “culpa”, ocorre outrossim uma orientação espacial do tipo *in-out*, podendo a culpa ser retirada, colocada ou mesmo jogada, o que validaria mais uma interpretação de [4] como metáfora orientacional. Isso serve para mostrar que essa classificação não é perfeita, tampouco esgota as possibilidades. Essas categorias já foram superadas pelos próprios Lakoff e Johnson, que não mais as utilizam. Porém, na metodologia deste trabalho, essa classificação é usada apenas porque ela ajuda a elucidar os elementos cognitivos mais ou menos presentes a partir da fala produzida, mas não se trata de uma defesa dessa teoria que foi revisada (e.g., Lakoff & Johnson, 1999; Cameron, 1999; Grady, 2007) e cujos avanços serão ligeiramente mencionados na Seção 1.2.5 deste artigo.

A personificação é uma sorte de metáfora conceptual ontológica, na qual um determinado fenômeno pode ser entendido como uma pessoa (i.e., um ser, como em A INFLAÇÃO É UM INIMIGO, expressa no exemplo “a inflação nos venceu no ano passado, mas vamos combatê-la neste ano”). O mesmo sujeito desta pesquisa forneceu, também, um exemplo de personificação:

[5] “ele mostrou o descaso do- ... de- ... às vezes do *poder público*”

em que o poder público é entendido como uma pessoa (um ser) que pode agir com descaso.

As metáforas conceptuais são culturalmente condicionadas e variam de cultura para cultura (e subcultura para subcultura). A manifestação de uma metáfora conceptual em um uso linguístico revela um mapeamento específico, que não deixa de acordar com um mais genérico, com o qual outros mapeamentos específicos concordam em outras manifestações linguísticas. Por exemplo, a metáfora conceptual mais específica TEMPO É DINHEIRO (“gastei muito tempo”, “custou um tempo que poderia ter poupado”, “economize seu tempo”) é parte da metáfora conceptual TEMPO É UM RECURSO LIMITADO (“saiba usar seu tempo bem”, “não tenho tempo suficiente para você”, “ela está sem tempo”) que, por sua vez, participa da metáfora conceptual mais geral TEMPO É UM BEM DE VALOR (“tenho tempo agora”, “obrigado pelo seu tempo”, “perdi o tempo que te dei”). “Esse é um exemplo do modo como as vinculações metafóricas podem caracterizar um sistema coerente de conceitos metafóricos e um correspondente sistema coerente de expressões metafóricas para tais conceitos”⁹ (*idem*, p.9). A tese central de Lakoff e Johnson (1980/2003) é, enfim, que “nosso sistema conceitual ordinário, em termos do qual nós tanto pensamos como agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”¹⁰ (p. 3). Cada parte dessa obra dos autores justifica, à sua maneira, tal tese. “Metáforas enquanto expressões linguísticas são possíveis precisamente porque há metáforas no sistema conceitual de uma pessoa”¹¹ (p. 6), do que se compreende que é no próprio pensamento que há metáforas de maneira pervasiva e fundamental. Isso não significa, porém, que não haja metáfora na linguagem ou que a retórica tradicional esteja simplesmente equivocada. O tema da natureza parcial da estruturação metafórica ajuda a sanar essa questão entre metáfora na expressão linguística e na cognição.

No exemplo da metáfora conceptual TEORIAS SÃO EDIFÍCIOS, o conceito de EDIFÍCIO é utilizado para estruturar o conceito de TEORIA (domínio metaforicamente definido). Nesse processo, porém, apenas alguns aspectos do primeiro conceito são utilizados, como a fundação, a estrutura, a fachada e o projeto (e.g., “essa teoria não está bem fundamentada porque vem de um projeto impossível”) e não outros, como as salas, as janelas ou a escada de incêndio (não se espera ouvir algo como “se sua teoria for destruída, seus conceitos podem fugir pela escada de incêndio, mas não podem se jogar pelas janelas”). Logo, “fundamentada” e “projeto” são exemplos da parte utilizada do domínio-fonte (no caso, “edifício”) para se entender o domínio-alvo (no caso, “teorias”). Embora possam ser considerados parte da linguagem literal sobre teorias, esse tipo de

expressão linguística é fruto de metáforas conceptuais. O mapeamento entre domínios é, portanto, parcial, de modo que aquilo que é utilizado acaba sendo realçado (*highlighted*), e os outros elementos que não participam num dado momento do mapeamento são encobertos (*hidden*). Essa relação de “*highlighting and hiding*” é uma instância da coerência sistemática das metáforas. Quando são mapeados outros elementos do domínio-fonte, não tipicamente utilizados, como no exemplo de ‘janelas’ e ‘escada de incêndio’, têm-se expressões chamadas de figurativas ou imaginativas (Lakoff & Johnson, 1980/2003, p.53).

Os autores, então, dividem três subespécies do que chamam de metáforas imaginativas ou não literais: (1) extensões da parte já utilizada de uma metáfora conceptual; (2) metáforas que utilizam mapeamentos incomuns de metáforas conceptuais tradicionais; e, finalmente, (3) novas metáforas, i.e., aquelas que constituem novas maneiras de se pensar sobre algo. “Cada uma dessas subespécies reside fora da parte utilizada de um conceito metafórico que estrutura nosso sistema conceitual normal”¹² (p.53). Assim, é apenas uma parte do domínio-fonte que é utilizada na estruturação de uma metáfora conceptual, havendo sempre, então, outra parte não utilizada. Desse modo, sempre há margem para expressões figurativas.

O termo “metáfora morta” é atribuído por Lakoff e Johnson (1980) a expressões de metáforas conceptuais isoladas, restritas, que apenas ampliam suas possibilidades de mapeamento em casos muito idiossincráticos. Por exemplo, a expressão “pé da mesa” pode se dever à metáfora conceptual isolada MESA É UMA PESSOA, que não se manifesta normalmente em outras expressões (como ‘cabeça da mesa’ ou ‘vontade da mesa’), pois não se compreende a mesa em termos de uma pessoa senão quando se trata de seu pé (cf. Rivano, 1997/2013, pp.33-36). É importante tratar desse assunto porque esse tipo de expressão literal construída através de mapeamentos metafóricos pode não ser analisado do mesmo modo, a depender da perspectiva linguística. É comum, então, que esquizofrênicos produzam e compreendam tais expressões, o que será averiguado neste trabalho. Todavia, o olhar clínico muitas vezes deixará passar essa manipulação de metáforas por parte de pacientes.

Há, ademais, quem afirme haver um contínuo entre metáforas novas e mortas. Para Rivano (1997/2013), por exemplo, não há essa distinção¹³. Segundo o autor, a metaforicidade, na maioria das vezes, está na compreensão do contexto em que a sentença foi descrita; a metáfora não estaria no nível da expressão linguística. Por exemplo, “o fundamento de uma teoria” e “o concreto de uma teoria” são duas instâncias de metáforas conceptuais (p. 33), mas o primeiro exemplo seria tradicionalmente considerado “metáfora morta” e o segundo, uma rara e nova expressão. Entretanto, ambas são metáforas com o mesmo sinal de vida associadas a CRIAÇÃO DO INTELLECTO É CONSTRUÇÃO. Segundo Cameron (2008), a convencionalização pode, ainda, depender de uma sorte de gramaticalização na medida em que a reapropriação de uma palavra para outras funções no uso (como em nominalizações ou verbalizações) pode representar metaforicidades. A autora sugere, ainda, uma outra possibilidade de distinção: o convencional pode ser dinâmico e circunscrito a alguns contextos nos quais o uso frequente torna a metáfora imperceptível para os interlocutores, enquanto a metáfora nova seria deliberada, usada para explicar algo após uma malsucedida busca por expressões adequadas, e são casos raros, correspondendo a 10% das metáforas encontradas em aulas escolares (taxa igual à encontrada nos resultados dos pacientes).

1.2.2. Sobre a metonímia

A metonímia, segundo Ferrari (2014, p.102), “é tradicionalmente definida como um deslocamento de significado, no qual uma palavra é normalmente utilizada para designar determinada entidade contígua”. Isto é, a metonímia era identificada como a representação da

“parte pelo todo” (Cançado, 2013). Diferentemente, na LC, a metonímia, assim como as metáforas, compõe parte da cognição:

A metonímia é uma das características básicas da cognição. É extremamente comum que as pessoas tomem um aspecto bem entendido ou de fácil percepção de alguma coisa e o usem para representar essa coisa como um todo ou algum outro aspecto ou parte dela.¹⁴ (Lakoff, 1987, p.77)

A “parte pelo todo” é, para a LC, apenas uma das funções das metonímias, chamada sinédoque, sendo as metonímias, em geral, maneiras de se entender a experiência. Ione Aires (2011), por sua vez, expandiu a ideia da seguinte forma.

Para se entender a metonímia como um processo cognitivo, é preciso pensá-la não como uma entidade no lugar de outra, mas entender que as entidades inter-relacionadas constituem sentido por meio de processos complexos que vão explicitar não o mero resultado de relação das partes, mas da possibilidade de insuflar o surgimento de uma forma nova, resultante de um processo de pensamento. (Aires, 2011, p.49-50)

Não se deve confundir metonímia com as metáforas ontológicas de Lakoff e Johnson (1980/2003). Num exemplo de personificação qual “combater a inflação” ou “a inflação roubou meus investimentos”, não há referência a uma pessoa específica, mas o mero entendimento da inflação em termos de uma pessoa. Já em casos como neste exemplo produzido por um sujeito deste estudo:

[6] “o hospital foi lá e me buscou”

há referência a uma pessoa específica, i.e., aquela que “me buscou”. Não se trata de entender o hospital em termos de uma pessoa, logo não se trata de metáfora. Trata-se, então, de metonímia, porque se usa uma entidade (instituição) para se referir a outra com a qual possui alguma relação (seus trabalhadores).

No nível da fala¹⁵, tome-se o exemplo produzido por um dos sujeitos da pesquisa:

[7] “eu não consegui firmar minha cabeça para trabalhar”

em que cabeça é, metonimicamente, a representação das funções psíquicas, ou mais especificamente da disposição e da concentração necessárias para trabalhar. Não se entendem a disposição e a concentração em termos de uma cabeça, como seria na metáfora, mas, sendo metonímia, utiliza-se a cabeça para se referir a elas. A experiência corpórea traz a cabeça como uma parte do corpo que guia o caminhar, sede de quatro dos cinco sentidos, de modo que se pode tomar esse domínio da experiência como recurso para se referir a um conceito mais abstrato, como o de funções psíquicas. Já as mãos, por sua vez, não possuem as mesmas características da cabeça na experiência e, por isso, geram outras metonímias, como “preciso de uma mãozinha aqui”. Isso se deve à experiência corpórea, pois se utilizam as mãos como recurso prático para realizar atividades, trabalhos. Para Lakoff (1987), o significado é gerado a partir da experiência humana:

O significado não é uma coisa; ele envolve o que é significativo para nós. Nada é significativo em si mesmo. A significância deriva da experiência de funcionar como um ser de um certo tipo em um ambiente de um certo tipo. Conceitos básicos são significativos para nós porque eles são caracterizados pelo modo como nós percebemos a forma geral das coisas em termos de uma

estrutura parte-todo e pela maneira como interagimos com as coisas com nossos corpos. ¹⁶ (Lakoff, 1987, p. 292).

Tal abordagem expõe que os processos metonímicos são corporalmente ancorados. “O modo de conceber a construção do significado com base em experiências revela uma nova abordagem acerca do uso dos processos metafóricos e metonímicos” (Aires, 2011, p. 39). Enquanto processos cognitivos, entre a metonímia e a metáfora não há quaisquer hierarquias: “nos estudos em Semântica Cognitiva, a metáfora e a metonímia trabalham no mesmo nível cognitivo, por isso não há superioridade de uma em relação à outra” (Aires, 2011, p. 29). Segundo a autora, isso se deve muito ao fato de que a frequência de ocorrência de metonímias não é, proporcionalmente, tão grande quanto a de metáforas.

Há trabalhos sobre as diferenças e semelhanças entre a metonímia e a metáfora conceituais como Rivano (1997/2013) e Ferrari (2014). No que concerne às diferenças, um argumento muito convincente é apresentado por Rivano (1997/2013):

Como pudemos ver, na metáfora temos dois domínios conceptuais, e um é entendido em termos do outro. A estrutura do domínio de origem se exporta ao domínio fonte. Na metonímia, ao contrário, dado que se envolve somente um domínio conceptual, não haveria tal exportação: a estrutura de ambos os lados do mapeamento é o mesmo. ¹⁷ (Rivano, 1997/2013, p. 128).

A metonímia é, portanto, o mapeamento de projeções diferentes em um mesmo domínio. Já a metáfora é fruto de projeções diferentes em dois domínios, como demonstra a Figura 1.

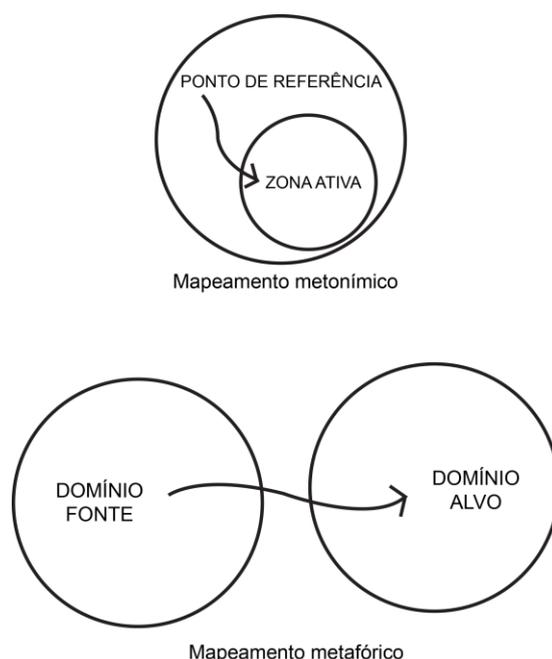


Figura 1 – Diferença entre mapeamento metafórico e metonímico.

Fonte: imagem adaptada de Aires (2011, p.71)

Assim, o exemplo “há muitas *mentes* capazes na universidade” apresenta uma metonímia porque não há projeções entre domínios diferentes, não se trata de dois domínios, mas de apenas um. A palavra ‘mente’ nesse exemplo coloca em proeminência a inteligência, representando ‘uma pessoa inteligente’.

1.2.3. Sobre Expressões Idiomáticas

Fillmore, Kay e O'Connor (1988) esboçam uma tipologia de expressões idiomáticas, devido a cuja ocorrência os autores reclamam uma teoria gramatical sensível às construções cuja sintaxe seria motivada pela semântica, ao invés de uma gramática atômica em que a computação de itens lexicais em relações sintáticas levaria necessariamente a um só resultado semântico conseguinte (o que ocorre em frases composicionais, mas esses não são os únicos numa língua). Essa visão toma a expressão idiomática como uma sorte de emblema do argumento de que a semântica e a pragmática são fenômenos relativamente independentes de uma sintaxe de regras universais (e, portanto, determinam outro modelo de análise sintática). Acontece que, para a metodologia do presente estudo, essa noção de expressão idiomática de Fillmore, Kay e O'Connor (1988) enquanto *construção* pode ser demasiado abrangente no que diz respeito à identificação de trechos que satisfazem sua definição, o que pode levá-los a se confundirem com trechos que seriam interpretados como metáfora por Lakoff e Johnson (1980).

Sem entrar em detalhes tipológicos, expressões idiomáticas podem ser definidas como um conjunto de itens (palavras) cujo sentido não corresponde à soma dos sentidos de cada item tomado isoladamente, mas esse conjunto de itens tem um sentido próprio, funcionando como um item *per se*. Não é necessário, no entanto, que esse conjunto seja rígido e fixo, em se tratando, por exemplo, das posições dos itens ou da substituição desses por outros itens: pode haver variação e flexibilidade, mas entre os itens deve haver alguma relação superior cujo sentido não seja composicional. Essa definição pode acabar cobrindo muitos dos casos metafóricos já tratados, embora se trate de discussões diferentes. Então, na identificação dos trechos do *corpus* deste estudo, a categoria de *expressão idiomática* apenas se aplicou a situações culturalmente convencionais que terão sempre seu sentido garantidamente compreendido por falantes daquele grupo cultural, como em “oito oitenta” ou “filho de peixe, peixinho é”. Interpretações pela via metafórica são possíveis, mas expressões idiomáticas são casos mais culturalmente “combinados”, conhecidos apenas por falantes daquele meio e jamais compreendidos por um aprendiz da língua (como no mínimo segunda língua) se a idiomaticidade não lhe for explicada explicitamente, enquanto sentidos metafóricos podem ser inferidos por um aprendiz a quem nunca foram diretamente ensinados.

1.2.4. Um pouco sobre a questão da verdade na Teoria das Metáforas Conceptuais

O debate filosófico sobre a verdade é relevante para a psiquiatria porque a semiologia da psicose depende, na prática, de uma referência de realidade a que se atribua valor de verdade (cf. Freud, 1924/2011a e 1924/2011b, para quem o lidar com a realidade, embora não exatamente definida, é fator essencial para distinguir neurose de psicose). Para Lakoff e Johnson (1980), uma vez que a verdade é relativa às metáforas, as quais provêm da cultura e funcionam cognitivamente nos sujeitos (variando então entre sujeitos e culturas), não haveria, portanto, uma única verdade objetiva, mas uma diversidade de verdades que só podem ser falseadas em relação ao sistema conceitual a que se referem, o qual é, como discutido, essencialmente metafórico. As filosofias tradicionais teriam se preocupado com o valor de verdade apenas no que concerne à expressão linguística em relação à realidade objetiva, de modo que as metáforas não poderiam constatar verdades senão por intermédio de uma paráfrase literal – se se pensa nas definições de delírio e alucinação, elas parecem beber dessa mesma água. Já para Lakoff e Johnson (1980/2003), aqueles que impõem suas metáforas sobre a cultura (como as veiculadas pela mídia) determinam o que se considera socialmente verdadeiro. A verdade é, portanto, uma construção social embasada em

metáforas conceptuais. Enfim, em oposição ao que chamam do “mito do objetivismo”, os autores declaram:

Uma vez que vemos a verdade enquanto baseada no entendimento e vemos a metáfora enquanto um veículo principal do entendimento, pensamos que uma explicação de como as metáforas podem ser verdadeiras revelará o modo como a verdade depende do entendimento. ¹⁸ (p. 160).

Há diversas maneiras metafóricas de se entender o mundo e, assim, construir verdades relativas a essas maneiras: há a projeção, segundo a qual projetam-se categorias da experiência física acessível a situações do mundo cuja experiência é menos direta (o que aconteceu nos casos de reificação que correspondem a 83% das metáforas ontológicas encontradas nos Resultados), e a categorização, que diz respeito à utilização das dimensões naturais de interação com os objetos (a saber, as perceptuais, as de atividade motora, as funcionais e as propositais) para se categorizarem tais objetos, corroborando o efeito de realçamento e encobrimento causado pela compreensão metafórica do mundo (Lakoff & Johnson, 1980/2003, p. 160-163). Na expressão “ele quer tirar a culpa dele e jogar a culpa em mim”, um dos participantes fornece um exemplo de relação motora de interação com os objetos físicos sendo projetada ao conceito que se deseja expressar. Se as verdades são relativas, os problemas gerados por uma cisão ou um recalçamento em relação a uma verdade podem ser mais bem entendidos como relativos a uma verdade conceptual, ou mesmo uma verdade metafórica.

1.2.5. Revisões da Teoria das Metáforas Conceptuais

A obra de 1980 de Lakoff e Johnson de fato fundou e fundamentou toda essa teoria, mas sofreu revisões pelos próprios autores e demais pesquisadores, como o desuso das categorias de metáforas ontológicas, orientacionais e estruturais. A escolha de desempenhar neste artigo uma análise com base nessas categorias de 1980 não se deve a uma defesa da forma original da teoria, mas a uma tentativa de aproveitar seus recursos para explorar a possibilidade de inferir sobre aspectos cognitivos de pessoas esquizofrênicas a partir de sua expressão metafórica e metonímica, o que leva, ainda, a um exame de quais aspectos de uma teoria que desde sua origem se propõe explicar a linguagem pela cognição se mostrariam consistentes na prática.

Grady (2007), por exemplo, explica que as ideias de hierarquia de especificidade (entre metáforas sistemáticas), assimetria direcional (dos mapeamentos, pois se pode falar de uma teoria bem fundamentada, mas não de um prédio bem argumentado) e motivação experiencial (corporeidade) foram introduzidas já na obra de Lakoff e Johnson de 1980, mas ficaram muito bem estabelecidas na teoria da metáfora conceptual daí em diante. Ele acrescenta a ideia de metáfora primária, que seria rigorosamente unidirecional e o domínio fonte seria sempre do campo perceptual, mapeando conceitos “concretos” ao conceito do domínio alvo que seria sempre dum âmbito não perceptual. Isso serviria como um ótimo exemplo para a Teoria Neural da Metáfora (Feldman, 2006), que trata dos padrões de ativação de grupos de neurônios que se fortalecem quanto mais são ativados concomitantemente. Então, no caso de metáforas primárias, sempre que um pensamento sobre uma situação (‘alvo’) e a situação real (perceptual, ‘fonte’) são justapostos na experiência, o cérebro, recebendo essas duas ativações, fortalece essa conexão, de modo que, posteriormente, falar dessa situação pode evocar os elementos perceptuais outrora pareados, e a consequência disso é o discurso metafórico. Cameron (1999) debate como fazer pesquisa aplicada com metáforas, e propõe que níveis de análise diferentes se interrelacionam, de modo que não adianta observar a metáfora como algo estanque a se localizar, mas se deve

observar o contexto. Ela propõe três níveis de análise e alega que em nenhum de fato está o “local” da identificação de metáforas, mas no “diálogo” entre eles.

1.3. Desafios metodológicos

Para Cameron (1999; 2008), a identificação de metáforas depende de uma série de decisões arbitrárias dos pesquisadores: depende de relações lexicais e pode ser pensada em três níveis: (1) teórico e linguístico, (2) conceitual, interacionista e de processamento, e (3) neural. A identificação diz respeito ao nível 1, ainda que se objetive dizer acerca do que ocorre nos níveis 2 ou 3. Para empreender tal identificação, vários fenômenos entram em jogo. Um é o desenvolvimento do *veículo* (termo pelo qual a autora parece exprimir o domínio fonte e as palavras a ele associadas que são usadas no discurso para “veicular” o conceito do domínio alvo). As palavras do veículo podem ir se desenvolvendo, isto é, novas palavras são recrutadas para esmiuçar os conceitos que se desejam explicar, sendo elas associadas umas às outras, demonstrando a sistematicidade da mesma metáfora que indicam. Isso ocorreu claramente no presente corpus: não apenas nas reificações, mas também nos casos em que palavras quais pegar, tirar, colocar, jogar, deixar, levar indicaram o entendimento de coisas abstratas como entidades materiais (ontológico) que se associam a um lugar onde podem ser colocadas, deixadas, jogadas, ou do qual podem ser tiradas, levadas, pegadas (orientacional). Isso estrutura o entendimento não só de conduções físicas (me deixa assim; o hospital me pegou/levou), como também de contratações ou internações (não me pega pra trabalhar) e, ainda, de nomeações ou acusações (me colocando de mendiga pra prefeitura; tirar a culpa dele e jogar a culpa em mim).

O processo de identificação de usos figurativos, portanto, acaba sendo fruto de decisões metodológicas arbitrárias. É necessário escolher um fundamento teórico específico, porque o mesmo fenômeno pode ser explicado de diversas formas, mas na prática se vê que nenhum encerrou o problema da análise linguística. Neste estudo, utilizou-se a classificação de Lakoff e Johnson (1980), mas o método de identificação de trechos figurativos foi inspirado no Procedimento de Identificação de Metáforas (PIM; Grupo Pragglejaz, 2007), o qual requer que todo o discurso seja segmentado em seus itens lexicais de modo a atribuir, a cada um deles, estes quatro valores: (1) Qual é o significado contextual desse item? (2) Qual é o significado mais básico desse item? (3) O significado contextual se distingue do significado básico? (4) O item foi, portanto, utilizado metaforicamente? Com esse método, identificam-se os itens lexicais metafóricos na medida em que seu significado básico se distingue suficientemente daquele significado que resulta do contexto linguístico no qual o item lexical se situa. Nesta pesquisa, uma vez identificado, o item metafórico foi classificado numa das categorias relativas à versão de 1980 da Teoria das Metáforas Conceptuais a fim de explorar a cognição de pacientes com base na forma original da teoria. Contudo, o PIM identifica quaisquer usos não literais (i.e., conotativos) da linguagem, e não apenas especificamente metáforas. Em muitos casos, não é em um item lexical que se localiza a metáfora, mas numa estrutura maior. Os próprios Lakoff e Johnson o alertaram: “a primeira falácia é pensar que a metáfora seria questão de palavras ao invés de conceitos. [...] Primeiro, o lugar da metáfora é nos conceitos, e não nas palavras”¹⁹ (1980/2003, p.244). Isso pode ser refletido a partir dos casos de reificação (casos extremamente comuns e convencionalizados), nos quais no mínimo dois itens lexicais são necessários: o verbo (representando o domínio fonte) e seu objeto (representando uma metáfora ontológica, uma reificação ocasionada pelo verbo). Cada um, tomado por si só, não seria identificado por esse procedimento como figurativo. É apenas um em relação ao outro que ocorre o uso figurativo. Veja-se o seguinte exemplo.

[8] “Tenho irmão que tem problema mental também”.

Esse é um exemplo desses casos de reificação que tanto apareceram no *corpus*, como se vê nos Resultados. O item lexical “problema mental”, por si, não configura metáfora, pois é literalmente o que se “tem”, assim como o item lexical “tem”, se tomado isoladamente, pode não indicar a metáfora, afinal é possível “ter” algo literalmente. Entretanto, o significado do verbo “ter” junto ao caráter abstrato do seu objeto direto (esse algo que se tem, “problema mental”, que não é entidade material) leva à conclusão de que ocorreu uma metáfora, pois o veículo (domínio fonte) para expressar a ideia de viver numa condição psicopatológica é aquele do universo das coisas materiais, das entidades discretas. O falante faz uso desse universo para tratar do conceito no domínio alvo, mas um domínio não se confunde com o outro como seria numa expressão literal: a intenção não é de falar que “problema mental” é efetivamente algo que se possui, como se pode possuir um sapato, pois o restante do campo das coisas que literalmente se possuem não é plausível no caso de um conceito abstrato como “problema mental” (vender, dar, emprestar, alugar, pegar de volta, descartar etc.). Apenas o que ocorre é que a vivência corpórea de possuir um bem é recrutada para permitir que o falante expresse um conceito mais abstrato que não funciona literalmente assim.

A versão do PIM utilizada foi revista por seus desenvolvedores numa nova versão: MIP-VU (Steen, Dorst, Hermann, Kaal, Krennmayr & Pasma, 2010). Contudo, a opção por manter a versão anterior se deve à sua maior praticidade, que acaba por isso sendo mais útil quando sua limitação (redução à unidade lexical) é superada desta maneira simples: visto que o significado contextual depende da consideração do contexto, são sempre levados em conta outros itens lexicais em relação àquele que se observa, logo metáforas que não ocorrem senão num nível superior ao item lexical isolado são sempre identificadas, de qualquer modo. Assim, foi possível contabilizar os “trechos” figurativos, e não os itens lexicais figurativos. Essas decisões arbitrárias forneceram maneiras simples e eficientes de encontrar usos figurativos, sem precisar recorrer a demais teorias ou métodos, dada a necessidade de escolha de um recorte teórico específico consistente com a técnica.

Os autores desejam evidenciar, enfim, que a análise utilizada foi fruto de decisões metodológicas que não englobam toda a vastíssima área de pesquisa sobre identificação de metáforas conceptuais nem atualizações da teoria para classificações diferentes. Na tentativa de se ater à forma mais fundamental da Teoria apenas para verificar como ela pode ajudar a compreender o que se passa no “concretismo” atribuído a muitos esquizofrênicos, é que se decidiu por fazer uma análise bastante “rústica”, observando cada palavra das falas transcritas e discutindo sempre que se percebia uma utilização figurativa. A identificação gerou muitas discussões teóricas, pois não é simples certificar-se de se deparar com uma genuína metáfora conceptual quando se estuda a fala em uso, sobretudo quando se trata de falantes psicóticos. Esse foi um estudo de exploração inicial dessas possibilidades, para cujos objetivos uma exaustiva ampliação de referenciais teóricos aparentemente não teria ajudado, porquanto é só na prática que se percebem problemas específicos e muito particulares de cada uma das próprias teorias.

2. Método

2.1. Sujeitos

Foram entrevistados 5 pacientes em internação em um instituto psiquiátrico público em Belo Horizonte (MG), diagnosticados com esquizofrenia (F20, critérios da CID-10) sem comorbidades pela equipe desse instituto²⁰. O nível socioeconômico foi obtido por meio da proposta de Pastore e Silva (2000) de classificação em seis estratos ocupacionais. Os dois únicos estratos identificados nos sujeitos da amostra foram o 2 e o 4. O estrato 2 é o “baixo-superior”,

dos trabalhadores urbanos não qualificados (e.g. vendedores ambulantes, vigias, serventes, trabalhadores braçais inespecíficos). O estrato 4 é o “médio-médio”, dos trabalhadores não manuais, profissionais de nível baixo e pequenos proprietários (e.g., auxiliares administrativos de escritório, reparadores de equipamentos, praças das Forças Armadas, pequenos agropecuários). A **Erro! Fonte de referência não encontrada.** resume os dados demográficos dos sujeitos.

Participante	Idade (anos)	Sexo biológico	Estrato ocupacional	Escolaridade em anos completos	Código do diagnóstico
Sujeito A	33	F	2	Não informada	F20.0
Sujeito B	40	M	2	8	F20.0
Sujeito C	33	F	2	4	F20.0
Sujeito D	38	M	2	4	F20.5
Sujeito E	38	M	4	11+	F20.0
Descrições:	$M=36,4$ ($DP=3,21$)	60% masc. 40% femin.	$M=2,4$ ($DP=0,89$)	$M=6,75$ ($DP=3,4$)	F20.0: esq. paranoide F20.5: esq. residual

Tabela 1 – Dados demográficos da amostra.

Fonte: elaboração própria.

2.2. Coleta de dados

Os dados foram coletados por meio de entrevistas realizadas no instituto psiquiátrico por um psicólogo²¹ que tentou restringir sua participação a perguntas e comentários quando necessário. A fala dos sujeitos foi gravada e transcrita, levando-se em consideração algumas das recomendações de Tenuta (2006). Estruturas abandonadas (-), pausas prolongadas (...) e fragmentos incompreensíveis (?) foram marcados.

2.3. Análise de dados

A análise de dados pode ser dividida em quatro etapas: (1) identificação dos trechos figurativos, o que leva à contabilização do total de trechos figurativos observados independentemente de suas classificações; (2) classificação dos trechos figurativos, o que permite esmiuçar o tipo de processo cognitivo que os deve ter gerado e uma categorização da contabilização; (3) identificação dos domínios fonte e alvo entre os quais ocorre um mapeamento, para cada trecho identificado; (4) e, uma vez de posse dessas contabilizações, é possível calcular algumas estatísticas descritivas: a frequência absoluta, a proporção, a média e o desvio padrão.

2.3.1. Identificação

Conforme explicado na seção 1.3, entende-se que, havendo discrepância entre o sentido básico e aquele produzido pelo contexto, ocorre figuratividade. No presente estudo, locuções foram agrupadas em apenas um item lexical. O item cujos sentidos contextual e básico se diferenciam o suficiente a ponto de não se identificarem é o que o PIM detecta, entretanto isso não conduz à identificação estrita de metáforas, mas de qualquer uso conotativo, cuja especificação depende da maneira pela qual tais sentidos se relacionam. Usos conotativos dependentes de estruturas superiores ao item lexical isolado puderam ser contabilizadas na medida em que se observaram as ocorrências de *trechos* figurativos, levando em conta *um ou mais* itens que tenham sido necessários para o uso figurativo.

2.3.1.1. Exemplo de identificação

Observe-se um exemplo do processo de identificação. Dois participantes diferentes produziram, cada um, as seguintes sentenças:

[9] “Aí põem diversos título, né”

[10] “Mas de que maneira tá me colocando como mendiga-, eu sinto muito, porque fica o ... o médico já me colocou de mendiga pra prefeitura”

O trabalho de identificação começa com o exercício de atribuir, a cada item lexical, um *significado básico*, como aqueles apresentados no dicionário (embora não se tenham utilizado rigorosamente dicionários, porque alguns usos podem ter evocado significados básicos que não constariam em dicionários, e porque muitas definições apresentadas em dicionários são de fato relativas a usos metafóricos dos vocábulos). Vejam-se os significados básicos da expressão [9]. Em [9], o item “aí” foi entendido como uma espécie de conjunção coordenativa conclusiva, cujo sentido básico seria, evidentemente, de consequência; já ao item “põem” atribuiu-se o sentido básico do verbo “pôr” como sinônimo de “colocar”; ao item “diversos” o sentido de “diferentes”; e ao item “título” o sentido básico de “rótulo” ou “inscrição que indica um tema”; finalmente, o item “né” foi considerado um marcador discursivo que, nesse caso, não poderia ser metafórico, então não foi analisado (mas foi contado no total de palavras).

O próximo passo da identificação é atribuir a cada item lexical um *significado contextual*, ou seja, específico para seu uso precisamente no seu contexto. Em [9], o significado contextual de “aí” foi o de dar ideia de consequência (a oração anterior afirmava que a Virgem Maria aparecera em lugares), o que coincide com seu significado básico, não sugerindo conotação; porém, o significado contextual de “põem” seria de “atribuir”, “estabelecer”, “pregar” ou “declarar”, muito dependente de como o termo “título” é entendido, cujo significado contextual é ainda de rótulo, mas não um indicador temático, e sim um nome, uma declaração. Percebe-se, portanto, que os significados contextuais de “põem” e “títulos” não coincidem com seus significados básicos, o que sugere que foram utilizados conotativamente. Nota-se que se trata de um caso no qual apenas um item é insuficiente para indicar um uso figurativo da linguagem, porque outro é necessário: “põem” depende de “títulos” para que seu significado contextual seja entendido como “atribuir, declarar”. Dando continuidade, o significado contextual do item “diversos” seria de “muitos”, o que não coincide com “diferentes”, mas essa diferença não é sensível o suficiente para sugerir metáfora, visto que, no âmbito da intencionalidade, pode ser que o falante se referisse mais à diversidade que à quantidade dos títulos, e a diversidade pressuporia uma quantidade mínima considerável. O mesmo tipo de raciocínio não se aplicaria ao caso de “põem títulos”, porque uma intenção próxima dos significados básicos não seria plausível (aí colocam diversos indicadores temáticos, né), de modo que os significados básico e contextual não se associariam por uma via literal.

É possível notar em [10] um exemplo dessa mesma metáfora. O verbo “colocando” tem significado básico de “pôr”, mas significado contextual de “declarar”, identificado apenas em relação a “mendiga” – item cujos significados contextual e básico coincidem. Portanto, embora o item “mendiga” não tenha sido usado metaforicamente, ainda assim, é necessário para que ocorra metáfora. Assim, conta-se um trecho figurativo, como no exemplo [9].

2.3.2. Classificação

Após a identificação dos trechos, foi aqui admitida uma classificação em uma das seguintes categorias: (1) metáfora estrutural; (1.1) metáfora estrutural de hipérbole; (2) metáfora

ontológica; (2.1) metáfora ontológica de reificação; (2.2) metáfora ontológica de personificação; (3) metáfora orientacional; (4) metonímia; (5) símile; e (6) expressão idiomática.

2.3.2.1. Metáfora Estrutural

Ocorre metáfora estrutural quando o significado básico identificado do item lexical auxilia na estruturação da veiculação do sentido contextual tencionado, e esse auxílio não se dá de uma maneira que corresponda às definições das demais categorias. Na expressão:

[11] “E pelo *olhar* de outra pessoa, que não seja da família, *vendo* o meu lado, sem verificar só *vendo* o lado dele.”

podem-se observar três exemplos da mesma metáfora estrutural CONHECER É VER, uma vez que os itens lexicais “olhar” e “vendo” não podem ser entendidos literalmente, já que seu significado básico (enxergar, visualizar) não corresponde àquele determinado pelo uso (compreender), mas ajuda a estruturar a maneira como o sentido de “compreender” é entendido (fazendo uso da experiência corpórea de reconhecer alguma coisa a partir da visão).

2.3.2.1.1. Metáfora Estrutural de Hipérbole

Atende não só à definição de metáfora estrutural como ocorre, em particular, de a intenção do falante ser de exagerar algo (de modo literalmente implausível) para estruturar alguma modificação de uma ideia nuclear. Por exemplo:

[12] “Eu tô *doida* pra mim ir pra mim pôr pano na cara.”

[13] “Eu morro de medo da cadeia”

[14] “Eu fico achando que sou um Manson da vez.”

Trata-se de exacerbações estruturais de uma ideia, dando uma qualidade de caráter adverbial: estar *doida* para ir é querer *muito*; *morrer* de medo é experienciar *muito* medo; sou um *Manson* da vez é ser uma pessoa muito *doida*. A análise de [14] é desafiadora. Poder-se-ia perguntar por que não seria uma metonímia. Há elementos da estrutura sintática que impedem esse trecho que ser considerado metonímico. Se Manson estivesse substituindo alguma pessoa específica na estrutura, seria metonímia. A pessoa substituída é específica, é o falante, mas o fato de que “um Manson” é predicativo do sujeito “eu” por um verbo de ligação não permite que Manson seja uma metonímia do sujeito, porque “Manson” não substitui “eu”. O falante apenas revela que ele é “como” uma espécie de Marylin Manson.

2.3.2.2. Metáfora Ontológica

Define-se pela metáfora que transforma o conceito do domínio alvo numa entidade discreta dotada de características materiais no domínio fonte. Os casos de reificação foram incluídos como uma subcategoria de metáforas ontológicas, e não estruturais, embora, como discutido, apresentem características de estruturais. As duas subcategorias de ontológicas ora contabilizadas foram a de reificação e a de personificação. Veja-se um exemplo de metáfora ontológica (sem subcategorias):

[15] “Também passei por essa sensação”

em que “sensação” é transformada numa entidade pela qual se pode passar. Poderia parecer uma metáfora orientacional, mas na metáfora orientacional todo um sistema de conceitos é orientado por um domínio fonte consistente, i.e., é algo que dá orientação. Transformar a sensação numa coisa pela qual se pode passar não envolve a sensação numa orientação com direções, não se trata de lugares aonde se pode ir e de onde se pode voltar. É apenas a transformação da sensação numa entidade discreta.

2.3.2.2.1. Metáfora Ontológica de Reificação

Casos em que deve haver ao menos dois itens lexicais: um verbo (estruturando a metáfora e estabelecendo o universo do domínio fonte para o objeto) e um núcleo do objeto direto (conceito abstrato que será reificado, transformado numa coisa).

[16] “A pessoa não tem liberdade”

Não é possível literalmente possuir *liberdade*, porque *liberdade* não é um bem concreto que se possa possuir, mas o verbo “ter” estabelece esse mundo do domínio fonte (dos bens materiais) para o conceito do domínio alvo (liberdade).

2.3.2.2.2. Metáfora Ontológica de Personificação

Metáforas nessa categoria satisfazem a definição de metáfora ontológica e, ainda, necessariamente estabelecem elementos relativos a uma pessoa no domínio fonte. É relevante separar essa subcategoria para se estudar a diferença entre ela e a metonímia.

[17] “Minha mente tava raciocinando melhor”

“Mente” não configura metonímia na medida em que não substitui algo em específico, mas é compreendida enquanto uma pessoa não especificada por conta de outros itens lexicais (raciocinando). Nota-se como casos de personificação também não são identificáveis a uma análise restrita ao nível do item lexical individual isolado.

2.3.2.3. Metáfora Orientacional

Definem-se metáforas orientacionais por aquelas cuja sistematicidade do domínio fonte necessariamente revela um sistema de direções, sentidos e relações que sempre apresentam a possibilidade da reciprocidade (e.g., se é possível *ir*, deve também deve ser possível *voltar*).

[18] “Normalmente eles não pega. Na fábrica, na fábrica, por exemplo, eu tenho um tio que ele- ele- ... me- tentaram me colocar lá.”

A ideia de *pegar* e *colocar* envolve uma reciprocidade e estabelece uma relação espacial em que há direção. *Colocar* configura algum processo formal de vinculação a uma instituição, assim como *pegar*. Em concordância com a sistematicidade desse domínio fonte, poder-se-ia falar algo como “tire-me daqui”. É comum que um sistema metafórico de uma cultura esteja de acordo com a de outra. Um exemplo é essa metáfora orientacional, que se apresenta, por exemplo, na língua inglesa: “*take me out of here*” (tire-me daqui, ou “pegue-me” daqui) e “*to retire*” (aposentar-se, de acordo com a extensão do domínio alvo para vínculos institucionais).

2.3.2.4. Metonímia

Define-se metonímia por uma parcela do domínio fonte que é utilizada em vez de (i.e., em substituição a) algum conceito específico do domínio alvo, de alguma maneira situacionalmente presente. Considerem-se as seguintes expressões.

[19] “Aí na hora deles me pegá chegaram a ambulância com... que é os mesmos que tava na ambulância tavam- tava tudo junto no hospital com a ambulância”

[20] “Eles falou que a avenida toda tava perturbada comigo porque eu tava atrapalhando as venda”.

Alega-se que "ambulância", em [19], é metonímia enquanto sujeito de "chegaram", e o resto da sentença ajuda a confirmá-lo: "os mesmos que tava na ambulância tava no hospital" deve se referir a um conjunto de funcionários, então quando "ambulância" é sujeito de "chegar", ela está substituindo essas pessoas em específico, situacionalmente referidas, revelando a metonímia conceptual CONDUZIDO POR CONDUTOR. Em [20], poder-se-ia alegar que “avenida” seria metáfora de personificação porquanto recebe a característica humana de “estar perturbada”. Porém, uma metáfora não substitui um caso específico, mas é sistematicamente usada estruturando o sentido alvo. Por exemplo, em se personificando o governo, nunca algo ou alguém em específico são referenciados em substituição pelo governo (se fosse, sê-lo-ia metonímia) e o governo sempre funciona com algumas características específicas de uma pessoa como se ele mesmo o fosse. Nesse tipo de metáfora, algum conceito abstrato é transformado numa entidade (ontológico). Entretanto, não é o caso da avenida. O falante não transforma um conceito num ser humano, mas, ao se referir às pessoas que estavam ali presentes na cena, toma-lhes a avenida por substituição.

2.3.2.5. Símile

Ocorre símile quando a definição de metáfora apenas não é satisfeita por conta de uma condição: há alguma conjunção (ou outro conectivo) estabelecendo explicitamente a relação metafórica entre os domínios. Esse tipo de caso é de alguma relevância porque, embora possa representar metáforas conceptuais no âmbito da LC, em uma análise linguística estrita esses casos deveriam ser considerados literais. Ao se falar “João é uma flor”, e sendo João uma pessoa, não é possível que se esteja sendo literal, senão metafórico. Entretanto, se se fala que “João é *como* uma flor”, as teorias linguísticas fora do escopo da LC não poderiam admitir uma metáfora, senão uma *símile* literal. Acontece que, numa teoria que considera a linguagem fruto da cognição, a presença ou ausência de um conectivo na expressão linguística não altera o processo cognitivo metafórico subjacente a essa expressão. Não se trata de uma regra geral para quaisquer comparações por conjunção (deve-se observar caso a caso), mas em geral o uso da conjunção pode ser entendido quase como uma sorte de acidente. No corpus deste estudo, encontraram-se apenas estas duas símiles.

[21] “As criança pra mim é *como se fosse* uns anjinhos”

[22] “O músculo assim do nervo, esse que sobe aqui o pé, que é *tipo* um guindaste”

2.3.2.6. Expressão idiomática

Já debatidas na Seção 1.2.3 deste artigo, definem-se expressões idiomáticas por um conjunto de itens lexicais que estabelecem entre si uma relação, flexível ou não, que indica um sentido não composicional diferente do que lhe seria o literal, mas cuja natureza será sempre

entendida pelos falantes do grupo cultural (no caso, brasileiros), embora nunca pudesse ser inferido por um aprendiz da língua a não ser que lhe fosse explicitamente ensinado. Assim, essa relação faz os itens sob sua égide terem o sentido de um só. No *corpus* deste artigo, chamou a atenção um caso que envolveu expressão idiomática e metáforas como processos diferentes.

[23] “É uma corda bamba, uma de um lado e outra de outro.”

O uso de “corda bamba” foi entendido como idiomático. Há certa flexibilidade nas expressões (viver na corda bamba, sair da corda bamba, entrar na corda bamba, etc.) mas há uma unidade de associação entre os itens “corda” e “bamba” que exige a interpretação de um esforço sobre-humano para não se deixar “cair”. O fato de que cada voz estava de um lado seria uma extensão metafórica do domínio fonte. Nota-se como a metáfora se distingue da expressão idiomática conforme a definição que guiou este método. A expressão idiomática a partir de “corda bamba” é enraizada na cultura brasileira e não poderia ser compreendida como metafórica (com base nas definições aqui utilizadas) porque não poderia ser inferida a partir de associações entre domínios, como alguém que nunca ouviu a expressão “o governo acabou com minha vida” compreenderia que “governo”, embora se refira ao governo, está assumindo propriedades humanas para veicular o sentido tencionado. Dificilmente isso ocorreria para quem não fosse da cultura brasileira e pela primeira vez ouvisse: “entrei na corda bamba”. Servindo de exemplo para a raiz cultural brasileira da expressão, diria Elis Regina por João Bosco e Aldir Blanc que a esperança equilibrista dança na corda bamba de sombrinha e em cada passo dessa linha pode se machucar. É um caso semelhante, em que há uma personificação (um estrangeiro compreenderia se lhe dissessem que a esperança foi embora) para além da expressão idiomática. Note-se que, para um mesmo trecho, se constatados processos diferentes, ambos são contabilizados, como, em [23], a expressão idiomática não impediu a contabilização da metáfora em “voz de um lado e de outro”.

2.3.3. Domínios e Mapeamentos

Empreendeu-se, ainda, a identificação dos domínios fonte e alvo aos moldes do *Metaphor Annotation for Source-Target Domain Mappings* (Shutova & Teufel, 2010). A sugestão de Shutova e Teufel (2010) é, retomando o PIM, acrescentar-lhe mais uma etapa: a atribuição subjetiva de domínios fonte e alvo por parte de juízes diferentes. Tal atribuição pode ser conforme uma lista de domínios fonte e alvo, como a *Master Metaphor List*²² (Lakoff *et al.*, 1991), mas não foram utilizados tais recursos no caso do presente estudo, no qual se utilizaram atribuições subjetivas por dois juízes, que, após comparadas, foram acordadas, portanto foi uma decisão teoricamente discutida, mas não foi fruto de alguma sorte de fórmula. Então, após cada identificação e classificação de trechos figurativos, foram acordados os domínios fonte e alvo e registrados numa planilha conforme explicado em 2.3.3.1. Shutova e Teufel (2010) ainda propõem que o domínio alvo se assemelha àquilo que se entende no PIM como significado contextual, indicando o que se tencionava dizer “literalmente” (o “referente” cognitivo), enquanto o significado básico diria respeito ao domínio fonte, demonstrando os recursos em termos dos quais foi entendido aquele conceito. Logo, os juízes utilizaram os significados básico e contextual do PIM como referência inicial para a discussão que levou à decisão dos domínios.

2.3.3.1. Registro dos domínios e exemplos de mapeamentos

Após a identificação, a classificação e a atribuição de domínios fonte e alvo, foi gerada uma planilha cujas linhas representam os trechos identificados e as colunas representam cada uma

destas variáveis, respectivamente: (A) domínio alvo; (B) domínio fonte; (C) metáfora linguística; (D) classificação tipológica; (E) código da classificação, o que foi usado apenas para ajudar nas análises quantitativas; (F) falante; (G) estrutura frasal em que o trecho foi encontrado; (H) comentários, o que representa debates entre os autores da análise; (I) convencional ou nova? Logo, as duas primeiras colunas representam os domínios, sendo o mapeamento uma consequência direta dos domínios, pois sempre o domínio fonte projeta um arcabouço léxico-linguístico que permite o desenvolvimento do pensamento no âmbito conceitual do domínio alvo, e isso é o mapeamento. Como explicado, no caso da metáfora o mapeamento é notado por DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE, enquanto no caso da metonímia é DOMÍNIO FONTE POR DOMÍNIO ALVO, mas o processo de atribuição de domínios é o mesmo. Por exemplo, para a expressão

[24] “Nessa loja que me denunciou”

em que ocorre metonímia, o domínio alvo é “pessoas responsáveis” e o fonte é “instituição”, conforme exemplos de Lakoff e Johnson (1980). Já para expressões que apresentam metáfora, como:

[25] “Eu *tive*- acho que foi um- ... não sei se foi *esquizofrenia*, ou se foi um *distúrbio*, um *surto*, um *negócio assim*.”

[26] “eu vejo que tudo hoje em dia precisa de dinheiro”

[27] “É como se fosse o inimigo ... pode falar o nome abertamente? ... Satanás.”

acontecem os mapeamentos (no modelo DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE) ESQUIZOFRENIA É ENTIDADE FÍSICA, CONHECER É VER e SATANÁS É O INIMIGO.

2.3.4. Estatísticas

A contagem de cada trecho identificado e classificado resultou na frequência absoluta, que é simplesmente a soma das ocorrências. A divisão dessa frequência pelo total de itens lexicais contabilizados na fala de onde foram identificados os trechos gerou a frequência relativa, o mesmo que proporção, o que pode ser convertido em percentual pela multiplicação por 100. Essas duas estatísticas, a frequência absoluta e a relativa (ou proporção, ou percentual), foram feitas a cada um dos 5 participantes, e desses 5 pôde-se obter a média e o desvio padrão para essas duas estatísticas. Então todas as análises são descrições que dizem respeito basicamente à frequência de ocorrência.

3. Resultados

A Tabela 2 apresenta as frequências dos trechos figurativos encontrados levando em consideração não só cada um dos sujeitos, como também a média entre eles. Subcategorias foram contadas separadas de sua categoria de origem. Por exemplo, metáforas ontológicas (sem especificação) foram contabilizadas sem se levar em conta outros usos de metáforas ontológicas, como as de personificação. O total de ocorrências de cada categoria, unindo-se às suas subcategorias, pode ser obtido por soma. A **Erro! Fonte de referência não encontrada.** apresenta a mesma informação da Tabela 2, porém em percentuais resultantes da proporção de ocorrências identificadas em relação à totalidade de palavras produzidas no discurso de cada sujeito, e as médias (entre os sujeitos) desses percentuais para cada categoria podem ser vistas na **Erro! Fonte de referência não encontrada.** As frequências relativas (proporções) de mapeamentos convencionais e novos de cada categoria foram outrossim consideradas relativas ao total de

trechos figurativos incluindo todas as categorias, e não ao total de palavras. Multiplicadas por 100, essas frequências relativas fornecem um percentual em relação ao total de trechos figurativos, e seus valores para cada categoria se encontram na Gráfico 3, enquanto os totais por sujeito podem ser vistos na Gráfico 2.

	Sujeitos					Média ($\pm DP$)
	A	B	C	D	E	
Metáfora Estrutural	-	8	12	4	18	8,4 (6,98)
Metáfora Estrutural de Hipérbole	-	-	1	-	3	0,8 (1,30)
Metáfora Ontológica	1	-	-	-	4	1,0 (1,73)
Metáfora Ontológica de Reificação	1	22	7	2	12	8,8 (8,58)
Metáfora Ontológica de Personificação	1	-	-	-	3	0,8 (1,30)
Metáfora Orientacional	6	8	1	-	6	4,2 (3,49)
Metonímia	9	2	-	14	9	6,8 (5,71)
Símile	-	2	-	-	-	0,4 (0,89)
Expressão Idiomática	-	1	1	-	5	1,4 (2,07)
Total de Trechos Figurativos	18	43	22	20	60	32,6 (18,32)
Total de Itens Lexicais	620	1162	1213	1133	3456	1516,8

Tabela 1 – Frequência absoluta da ocorrência de trechos identificados como figurativos e classificados em cada categoria, por sujeito e no total, e médias dessas frequências entre todos os sujeitos, além do total de palavras. **Fonte:** elaboração própria.

Assim, por exemplo, as 18 metáforas estruturais não hiperbólicas identificadas na fala do sujeito “E” (Tabela 2) correspondem a 0,52% de seu discurso (Tabela 3). Dentre elas, aquelas cujo mapeamento é convencional contemplam 23,3% das expressões figurativas encontradas em sua fala, enquanto as metáforas estruturais de mapeamento criativo correspondem a 6,67% de seus trechos figurativos, mas, independente das classificações, 10% da produção desse participante foi não convencional (Gráfico 2), e, independente do participante, 7,5% das metáforas estruturais não hiperbólicas foram não convencionais (Gráfico 3). A categoria “total de trechos figurativos”, por outro lado, corresponde à soma de todas as outras.

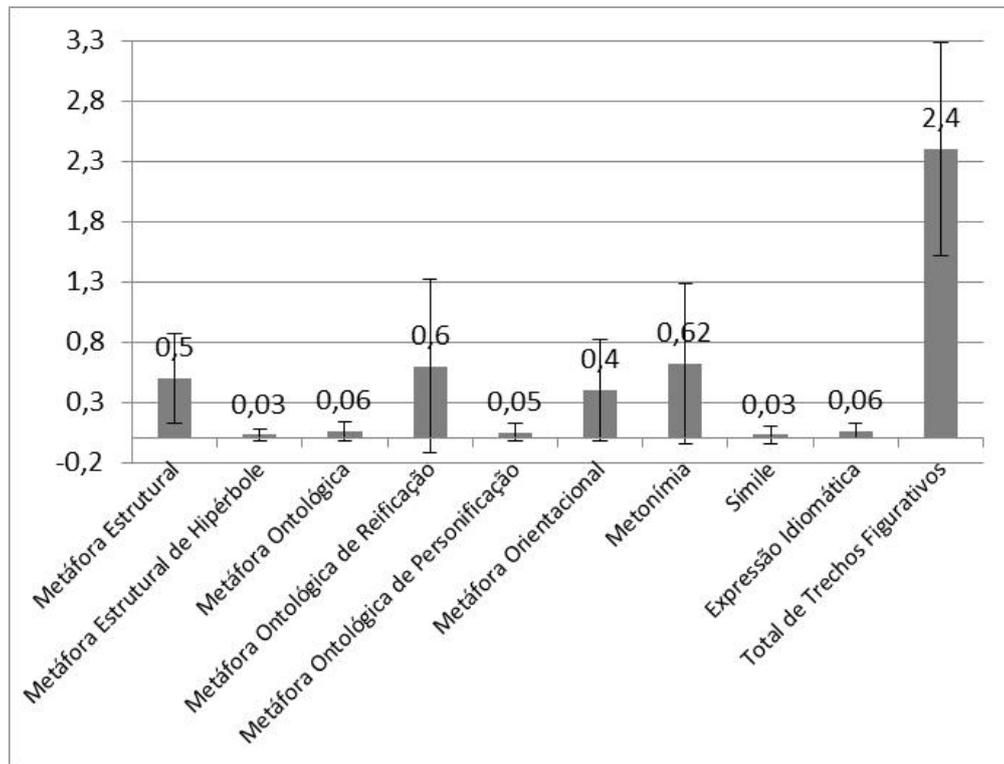


Gráfico 1 – Médias (e desvio padrão) entre os 5 participantes dos percentuais de ocorrências figurativas para cada categoria em relação ao total de itens lexicais produzidos.

Fonte: elaboração própria.

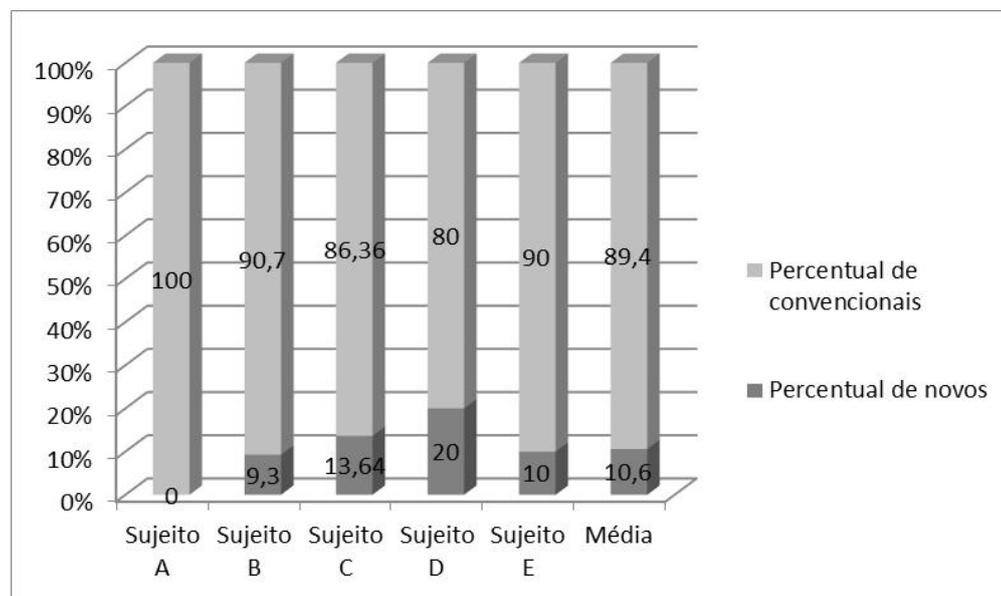


Gráfico 2 – Percentual de casos convencionais (ou mortos) por participante em relação ao total de ocorrências figurativas, e percentual de ocorrências novas (ou criativas) em meio ao total de trechos figurativos. Nota-se que o percentual não está em relação ao total de palavras faladas, mas ao total de ocorrências figurativas.

Fonte: elaboração própria.

Observou-se, então, que 2,4% ($\pm 0,88$) dos discursos correspondem, em média, a alguma sorte de uso conotativo, sendo 10,6% desse uso mapeado criativamente. A categoria mais contada foi a de metonímias (0,62% dos discursos em média), cujos usos criativos correspondem a 1% dos usos figurativos. Como se pode notar, os esquizofrênicos produzem metáforas e metonímias,

sejam as “literais”, no sentido de Lakoff e Johnson (ano), aqui incluídas como mortas ou convencionais, sejam as “imaginativas” (novas), que estendem os elementos comumente usados.

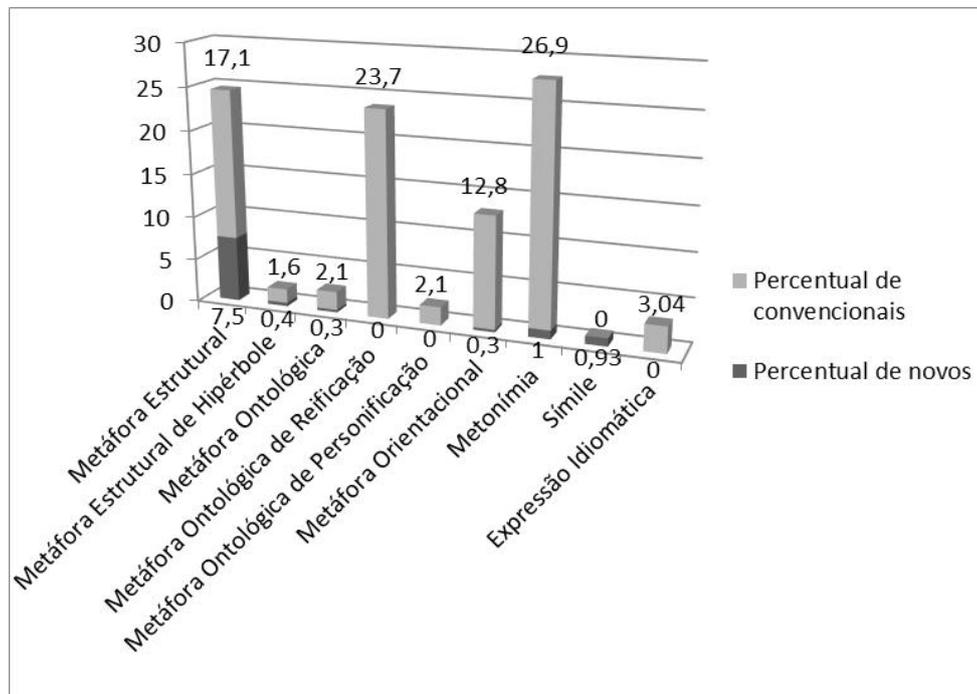


Gráfico 3 – Percentuais de ocorrências convencionais e novos em relação ao total de trechos figurativos, para cada categoria de classificação.

Fonte: elaboração própria.

(%)	Sujeitos				
	A	B	C	D	E
Metáfora Estrutural	-	0,69	0,99	0,35	0,52
Metáfora Estrutural de Hipérbole	-	-	0,08	-	0,09
Metáfora Ontológica	0,16	-	-	-	0,12
Metáfora Ontológica de Reificação	0,16	1,89	0,58	0,18	0,35
Metáfora Ontológica de Personificação	0,16	-	-	-	0,09
Metáfora Orientacional	0,97	0,69	0,82	-	0,17
Metonímia	1,45	0,17	-	1,24	0,26
Símile	-	0,17	-	-	-
Expressão Idiomática	-	0,09	0,82	-	0,14
Total de Trechos Figurativos	2,9	3,7	1,81	1,76	1,74

Tabela 2 – Percentual com que a frequência de trechos em categoria ocorre no total de palavras (itens lexicais) produzidas por sujeito.

Fonte: elaboração própria.

Os mapeamentos entre domínios mais frequentes são apresentados no Quadro 1. São apresentados aqueles cujo percentual em relação ao total de expressões mapeadas supera 2%. Houve muitos casos de frequência menor que 2%, como as metáforas DEDICAR-SE É VIR, OBJETIVO É LUGAR, MEDO É LUGAR, TRATAR É LEVAR, EU SOU MARILYN MANSON (não foi delírio, mas hipérbole deliberada); e as metonímicas como LUGAR POR PESSOAS, NOME POR TÍTULO, UM POR TODOS, CONDUZIDO POR CONDUTOR. Expressões idiomáticas (7) e casos de incerteza (10) não foram mapeados, resultando em 146 mapeamentos. Os elementos escolhidos para participar do mapeamento metafórico ou metonímico podem variar, desde uma análise muito específica do caso, até sua contrapartida mais ampla, que englobe vários outros mapeamentos específicos. Optou-se por se apresentarem, aqui, os mapeamentos mais amplos.

f % do total de mapeamentos	Mapeamento e domínios
A. Mapeamentos metafóricos (ALVO É FONTE)	
31,5%	CONCEITO ABSTRATO É ENTIDADE FÍSICA
11%	CODUZIR OU CATIVAR É PEGAR; ACUSAR É COLOCAR
5,5%	CONHECER É VER
2,7%	TRAZER CONSEQUÊNCIA É DAR
B. Mapeamentos metonímicos (FONTE POR ALVO)	
4,8%	INSTITUIÇÃO POR PESSOAS RESPONSÁVEIS
4,1%	HOMEM POR HUMANIDADE
2,7%	PALAVRA POR DISCURSO
2%	CABEÇA POR FUNÇÕES PSÍQUICAS
2%	CARNE POR HUMANO

Quadro 1 – Percentuais (relativos ao total de mapeamentos) de domínios em mapeamentos. A = mapeamentos metafóricos. B = mapeamentos metonímicos.

Fonte: elaboração própria.

Dentro de CONCEITO ABSTRATO É ENTIDADE FÍSICA, ocorreram vários mapeamentos de conceitos específicos enquanto entidades físicas. São eles: venda, loja, pergunta, esquizofrenia, problema (2,7% de todos os mapeamentos), vergonha (2%), vontade, dificuldade, paciência, sustento, certeza, meningite, tristeza, medo, pesadelo, estudo, título, sensação, competência, dor, culpa, liberdade, decisão, amor, direito, intenção, pensamento, respeito, delírio, crise, coragem, dó, pecado e dinheiro. Essas metáforas conceptuais, que expressam a relação entre um domínio alvo qualquer e um domínio fonte rotulável por OBJETO FÍSICO, são instâncias do que se chama reificação, isto é, a transformação de algo em um objeto.

Ocorreram alguns usos novos de mapeamentos disponíveis. Um desses mapeamentos é produzido pelo Sujeito C:

[23] “é uma corda bamba; uma [voz] de um lado, e outra do outro”.

O sujeito vinha explicando a voz boa e a voz má que ouvia: a primeira tentando-o para coisas boas, e a segunda para coisas más. A partir da evocação da expressão “é uma corda bamba”, que diz da dificuldade de se manter estável, estabelece-se um mapeamento entre elementos do domínio fonte de “corda bamba” (equilibrista, corda), e o domínio alvo da alucinação “maniqueísta” (bom e mau, tentação, vozes, imperativos). Assim, essa é uma metáfora criativa na medida em que não se utiliza de um mapeamento já convencionalizado na cultura. Trata-se, portanto, de um exemplo do que Lakoff e Johnson (1980) chamaram de metáfora nova (*novel metaphor*), pois tampouco consiste de uma extensão de um mapeamento entrincheirado

que compõe a cognição básica e automatizada pelo uso frequente. Um outro exemplo, que, por tão criativo, não se registrou, foi interpretado como um mapeamento metonímico novo:

[28] “a caneta venceu a máquina”.

Essa expressão foi entendida como metonímica porquanto essa forma singularizada tanto da caneta quanto da máquina deve estar substituindo algo mais abstrato, para cujo conhecimento faltam evidências. Foi, outrossim, entendida como nova, pois não apresenta um mapeamento usual. Não se trata de uma metonímia como “cabeça”, em “perdi a cabeça” ou “ele está doente da cabeça”. Alguns casos foram idiossincráticos, talvez devido a processos de delírio, de tal modo que não se soube se seriam metafóricos ou não. Esses casos não foram contabilizados.

4. Discussão

Não é de se surpreender que haja uma quantidade de expressões figurativas na fala de pacientes. Afinal, uma das implicações da teoria das metáforas conceptuais é justamente o fato de que o pensamento humano é inerentemente metafórico, na medida em que ele não é fruto de uma prescrição lógica “superior” ou “abstrata”, mas das vivências do corpo no mundo. Não é tão inesperada para a população em geral a média de 2,4% das falas consistindo em símiles, expressões idiomáticas, metonímias ou, sobretudo, metáforas. Segundo Cameron (2008), a depender do gênero discursivo, pode ocorrer de 1,5 a 10% do discurso (a autora usa uma contagem por mil palavras que, aqui, convertemos em percentual). Segundo ela, uma entrevista entre clínico e paciente possui uma densidade de 55 metáforas por 1000 palavras, ou seja, 5,5%.

Ainda, porém, que se argumentasse que o concretismo se restringiria à ausência das metáforas novas, pouco importando as metáforas convencionais, nota-se que ocorrem, embora pouco frequentemente, expressões figurativas novas na fala de pacientes. É importante mencionar que, de uma maneira geral, espera-se uma frequência de usos figurativos novos menor que de usos convencionais em qualquer população. A proporção de usos convencionais observados nos Resultados dos pacientes foi de 10%, que é a esperada em aulas escolares segundo Cameron (2008).

As reificações corresponderam a 23,7% de todos os trechos encontrados, ocupando uma média, dentre os sujeitos, de 0,6% ($\pm 0,72$) do total das falas produzidas. No que tange à metonímia, tomem-se os seguintes exemplos:

[7] “porque eu não consegui firmar minha cabeça”

[29] “minha cabeça delirava”

nos quais ocorrem processos metonímicos semelhantes entre si, em que a palavra “cabeça” é usada para descrever algum estado da mente. Por fim, no exemplo

[30] “ela tá propagando o racismo contra branco nessas pessoas doentes aqui”

o sujeito também utiliza uma metonímia, em que a palavra “branco” é utilizada para representar o grupo de pessoas de certa cor.

Com base nas categorias de 1980 da teoria, observou-se que, depois da metonímia, a metáfora estrutural genérica foi a categoria mais observada, e dentro dessa quantia de observações ocorreu a maior proporção de trechos novos entre quaisquer outras categorias. Não só as outras categorias foram majoritariamente convencionais, a terceira mais frequente foi a de reificações, que é quase um emblema da convencionalização. Isso pode ser interpretado da

seguinte maneira: a segunda maior ocorrência é de metáforas estruturais, que dão margem à criatividade metafórica, sugerindo um indício de produtividade de metáforas novas. Contudo, 89,4% dos trechos figurativos são convencionalizados, e muitos estudiosos nem considerariam metáforas mortas como verdadeiras metáforas. Nada nesta pesquisa permite afirmar, com garantia, que esquizofrênicos sejam ou não concretistas. Contudo, é interessante notar que tais pacientes também mapeiam conceitos: usam, também a linguagem não literal.

Quanto aos mapeamentos entre domínios, conforme o Quadro 1, é interessante notar que o mais comum, CONCEITO ABSTRATO É ENTIDADE FÍSICA, que é o das reificações, pode sugerir justamente o que se entende pelo concretismo: considerar coisas abstratas como se fossem concretas. A questão é que isso é um mapeamento conceitual, de modo que, para se falar sobre algo conceitual, estende-se um campo de ideias que o elucida. Mesmo que seja justo um processo de concretização, ele é flexível com uma sistematicidade. Esse mapeamento é o “genérico”, dentro do qual entram os conceitos específicos, como ‘doença é entidade física’. Ora a doença pode ser uma posse, ora pode ser um peso, pode ser um companheiro, um inimigo.

Dentre os resultados aqui encontrados, um exemplo da Verdade enquanto uma consistência com o próprio sistema metafórico pode ser visto em [23] (é uma corda bamba; uma [voz] de um lado, e outra do outro). Do ponto de vista da LC, é inglório procurar uma verdade absoluta que constate a existência das vozes no mundo objetivo, cuja negação garantiria ao clínico que se trata de alucinação. Todavia, a verdade pode ser comparada com o próprio mapeamento que se utiliza do domínio de “corda bamba” para se compreender a ideia da tenuidade do equilíbrio psicológico que evita sucumbir à tentação de uma ou outra voz, cada qual ocupando um lugar onde se pode cair, o que já vinha sendo expresso no discurso. Se é verdade que o sujeito vivencia uma resistência difícil à tentação da voz má tal qual seria difícil um equilíbrio numa corda bamba, então não há mais verdades a serem investigadas.

5. Conclusões

As visões sobre metáfora e metonímia na abordagem da LC podem ser observadas por quem trabalha com aplicações práticas da linguagem figurativa repensando o que tradicionalmente se afirma sobre o tema. Tomando-se amostras de falas de esquizofrênicos, algumas em pleno delírio, e examinando sua produção conotativa do ponto de vista da LC, foi possível notar pontos como os seguintes:

- (I) esquizofrênicos produzem metáforas, metonímias e expressões idiomáticas, sejam convencionais ou criativas;
- (II) uma vez que metáforas não se restringem a uma estilização linguística idiossincrática, mas são fruto da cognição culturalmente condicionada pelo uso e podem se manifestar na língua de maneira convencional ou nova, pode ser impossível que alguém, com ou sem tal diagnóstico, pense sem contar com mecanismos metafóricos;
- (III) e, finalmente, tanto a literatura quanto a clínica psiquiátricas podem se beneficiar em esmiuçar definições e métodos de pesquisa acerca da linguagem figurativa quando convier à semiologia em questão.

6. Agradecimentos

Este trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), da Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (Fhemig), da Pró-

Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Faculdade de Letras da UFMG. Os autores declaram não haver conflitos de interesses.

7. Referências bibliográficas

Aires, I. S. (2011). *Um estudo sobre a metonímia como um processo cognitivo*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

Câmara Jr., J. M. (1973). *Princípios de linguística geral: como introdução aos estudos superiores da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Liv. Acadêmica.

Cançado, M. (2013). *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. São Paulo: Contexto.

Cameron, L. & Low, G. (1999). *Researching and Applying Metaphor*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Cameron, L. (2008). Metaphor and Talk. In: R. Gibbs, *The Cambridge Handbook on Metaphor and Thought*. Nova Iorque: Cambridge University Press.

Chapman, L. J. (1960). Confusion of figurative and literal usages of words by schizophrenics and brain damaged patients. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 60 (3), 412-416.

Cutting., J. & Murphy, D. (1990). Preference for denotative as opposed to connotative meanings in schizophrenics. *Brain and Language*, 39, 459-468.

Dalgalarondo, P. (2008). *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed.

DeLisi, L. (2001). Speech Disorder in Schizophrenia: Review of the Literature and Exploration of Its Relation to the Uniquely Human Capacity for Language. *Schizophrenia Bulletin*, 27 (3), 481-496.

Elkis, H. (2000) A evolução do conceito de esquizofrenia neste século. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22 (suplemento I), 23-26.

Elvevåg, B., Helsen, K., De Hert, M., Sweers, K., & Storms, G. (2011). Metaphor interpretation and use: a window into semantics in schizophrenia. *Schizophrenia research*, 133 (1-3), 205-211. DOI: 10.1016/j.schres.2011.07.009

Elvevåg, B., Wisniewski, E. & Storms, G. (2010, 26 de fevereiro). Conceptual combination and language in schizophrenia [letter to the editor]. *Schizophrenia Research*, 120, 238-239.

Feldman, J. (2006). *From molecule to metaphor: a neural theory of language*. Cambridge, MA, USA: the MIT Press.

Ferrari, L. (2014). *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto.

Fillmore, C., Kay, P., & O'Connor, M. C. (1988). Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone. *Language*, 64 (3), 501-538.

Freud, S. (2011a). Neurose e Psicose. In: *Obras Completas, volume 16: o eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (pp. 176-183). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1924).

Freud, S. (2011b). A perda da realidade na neurose e na psicose. In: *Obras Completas, volume 16: o eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)* (pp. 214-221). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1924).

Grady, J. (2007). Metaphor. In: Geeraerts, D., & Cuyckens, H. (orgs.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press.

Julio, A. & Conzalo, N. (2012). Alteración de la estructura de la metáfora en la esquizofrenia. *Psiquiatría Universitaria Rev GPU*, 8 (2), 163-173.

Kasanin, J.S. (Ed.) (1944). *Language and thought in Schizophrenia*. Berkeley: University of California Press.

Kovecses, Z. (2000). *Metaphor and emotion: language, culture and body in human feeling*. Cambridge University Press, Cambridge. *Apud* Elvevåg, Helsen, De Hert, Sweers, & Storms (2011). *Metaphor interpretation and use: a window into semantics in schizophrenia*. *Schizophrenia research*, 133 (1-3), 205-211.

Lakoff, G., & Johnson, M. (2003). *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press. (Original publicado em 1980)

Lakoff, G. (1987). *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. The University Chicago Press: London.

Lakoff, G., & Johnson, M. (1999). *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought*. Basic books.

Lakoff, G., Espenson, J., & Schwartz, A. (1991) *Master Metaphor List*. Second edition.

Pastore, J. & Silva, N. (2000). *Mobilidade Social no Brasil*. São Paulo: Markron.

Popper, K. (2005). *The Logic of Scientific Discovery*. Taylor & Francis e-Library. (Original publicado em 1935).

Pragglejaz Group. (2007). MIP: A Method for Identifying Metaphorically Used Words in Discourse. *Metaphor and Symbol*, 22 (1), 1–39.

Rivano, E.F. (2013). *Metáfora y lingüística cognitiva*. Santiago de Chile: Bravoy Allende Editores. (Original publicado em 1997).

Rochester, S. (1980). Thought disorder and language use in schizophrenia. In: Rieber, R. W. *Applied psycholinguistics and mental health*. Nova Iorque: Plenum Press.

Shutova, E., & Teufel, S. (2010). *Metaphor corpus annotated for source-target domain mappings*. In: *Proceedings of LREC*. Malta.

Steen, G.J., Dorst, A.G., Herrmann, J.B., Kaal, A., Krennmayr, T. & Pasma, T. (2010). *A method for linguistic metaphor identification: From MIP to MIPVU* (Vol. 14). John Benjamins Publishing.

Tenuta, A. M. (2006). *Estrutura Narrativa e Espaços Mentais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.

Varela, F., Thompson, E., & Rosch, E. (2001). *A mente corpórea: ciência cognitiva e experiência humana*. (Trad.) Instituto Piaget (Original publicado em 1991)

Notas

(1) Segundo Elkis (2000), a evolução do conceito de esquizofrenia no século 20 pode ser descrita em três principais fases. A primeira trata das origens do conceito em Kraepelin, Bleuler e Schneider. Kraepelin cunhou a demência precoce em seu Tratado, em todas as edições do qual a demência precoce era distinta da insanidade maníaco-depressiva (dicotomia kraepeliniana). Na oitava edição, posterior ao trabalho de Bleuler (1911), o autor fez incluir, além do enfraquecimento da volição (posteriormente, sintomas negativos), a perda da unidade interna das atividades do intelecto e da emoção. Bleuler refinou os sintomas, não em detrimento da demência precoce, mas aperfeiçoando-a como o grupo das esquizofrenias: distúrbios nas Associações do pensamento, Autismo, Ambivalência, embotamento Afetivo, distúrbios da Atenção e Avolição (os 6A de Bleuler). Schneider (1948) propõe sintomas de primeira ordem (sonorização do pensamento, escutar vozes discutindo, escutar vozes narrando e comentando as próprias atividades, delírio de influência corporal, vivência de influência do pensamento e percepção delirante). Na segunda fase, o diagnóstico é alargado, fazendo incluir sintomas maníaco-depressivos, resultando na definição de psicótico do DSM-II (1968) como qualquer paciente

“incapaz de atender às demandas da vida diária”. Na Europa, o diagnóstico manteve-se mais restrito aos critérios de Schneider e Kraepelin. O terceiro período é de restrição do conceito, marcado, por exemplo, por limites mínimos de tempo apresentando sintomas. A partir do DSM-III, a distinção com doença maníaco-depressiva é retomada, e em 1974 dividem-se dois grupos de sintomas: positivos ou psicóticos (como delírios e alucinações) e negativos ou deficitários (como embotamento afetivo e avolição).

(2) Dalgarrondo (2008, p.242) descreve sintomas da esquizofrenia relacionados à linguagem: estilizações, jargonofasia, criptolalia. O ‘neologismo’ diz respeito a palavras inteiramente novas criadas pelos pacientes ou palavras já existentes que recebem uma acepção totalmente nova; a ‘esquizofasia’ é a produção de palavras e frases sem sentido, um fluxo verbal desorganizado e caótico; e a ‘parafasia’, concerne à deformação de palavras já existentes (Dalgarrondo, 2008).

(3) Os grupos eram: 36 sujeitos normais (sem indicações de transtornos neurológicos ou psiquiátricos, 23 pacientes cirúrgicos de um hospital em Chicago e 13 bombeiros), 41 sujeitos com danos cerebrais (13 por AVC, 6 por alcoolismo, 6 por esclerose múltipla com transtorno cerebral, 3 por tumor cerebral, 2 por lesões na cabeça, 1 por coreia de Huntington, 1 por sífilis e 9 não especificados) e 51 esquizofrênicos crônicos (pacientes do Chicago State Hospital sem transtornos orgânicos e sem farmacoterapia no momento, cuja primeira hospitalização por psicose tenha ocorrido há no mínimo 5 anos e com hospitalização contínua por no mínimo 3 meses antes da aplicação do questionário).

(4) Esses métodos não acessam suficientemente a compreensão e não são recomendáveis em populações clínicas porque, havendo nelas mais variância, as técnicas (*multidimensional scaling* e técnicas de *clustering* para analisar dados de *category fluency* e *triad comparison*) empregadas para sugerir que a maior variabilidade se deve a *déficits* semânticos acabam falhando em requerimentos estatísticos quanto à variabilidade consistente e confiável entre participantes (Elvevåg 2011, p.205).

(5) Nas palavras dos autores (Elvevåg, 2011, p.207), “*our first study examined free speech for figurative language and found that patients used a similar amount of figurative language as controls*”. Quantitativamente, os resultados foram: “*Patients used on average 0.80 metaphors (range 0-6) to describe a personal event in response to a presented emotion, and controls used 1.23 metaphors (range 0-8) (F(1,40) = 0.62; p = 0.44)*” (*ibidem*).

(6) *Embodiment*, no inglês.

(7) Essa é uma notação de metáforas conceituais: ALVO É FONTE (em caixa-alta).

(8) Tradução dos autores. No original: “*because concepts are metaphorically structured in a systematic way, e.g., THEORIES ARE BUILDINGS, it is possible for us to use expressions (construct, foundation) from one domain (BUILDINGS) to talk about corresponding concepts in the metaphorically defined domain (THEORIES)*” (Lakoff & Johnson, 1980/2003, p.52).

(9) Tradução dos autores. No original: “*This is an example of the way in which metaphorical entailments can characterize a coherent system of metaphorical concepts and a corresponding coherent system of metaphorical expressions for those concepts*” (Lakoff & Johnson, 1980/2003, p.9).

(10) Tradução dos autores. No original: “*our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature*” (Lakoff & Johnson, 1980/2003, p.3).

(11) Traduzido pelos autores. No original: “*Metaphors as linguistic expressions are possible precisely because there are metaphors in a person’s conceptual system*” (Lakoff & Johnson, 1980/2003, p.6).

(12) Traduzido pelos autores. No original: *“Each of these subspecies lies outside the used part of a metaphorical concept that structures our normal conceptual system”* (Lakoff & Johnson, 1980/2003, p.53).

(13) Segundo Rivano (1997/2013, p. 34-35), *“La estructura clásica del cálculo se sugiere aquí como un posible apoyo analógico: así como en el cálculo tenemos axiomas (principios o postulados básicos), por un lado, y teoremas (expresiones derivadas de estos principios básicos que son los axiomas), así también podemos ver la metáfora (conceptual) como el axioma o principio conceptual de fondo, y las expresiones lingüísticas como teoremas, o instancias que derivan de la metáfora en cuestión. Esta analogía, sin embargo, puede conducirnos a concebir la metáfora como un algoritmo que genera teoremas, las expresiones metafóricas.”*

(14) Traduzido pelos autores. No original: *“Metonymy is one of the basic characteristics of cognition. It is extremely common for people to take one well-understood or easy-to-perceive aspect of something and use it to stand either for the thing as a whole or for some other aspect or part of it”*. (Lakoff, 1987, p.77).

(15) A metonímia pode ser encontrada de várias formas, entre elas gestos, imagens e no discurso.

(16) Traduzido pelos autores. No original: *“Meaning is not a thing; it involves what is meaningful to us. Nothing is meaningful in itself. Meaningfulness derives from the experience of functioning as a being of a certain sort in an environment of a certain sort. Basic-level concepts are meaningful to us because they are characterized by the way we perceive the overall shape of things in terms of part-whole structure and by the way we interact with things with our bodies”* (Lakoff, 1987, p.292).

(17) Traduzido pelos autores. No original: *“Como hemos visto, en la metáfora tenemos dos dominios conceptuales, y uno es entendido en términos del otro. La estructura del dominio de origen se exporta al dominio meta. En la metonimia, en cambio, dado que se involucra un sólo dominio conceptual, no habría tal exportación: la estructura de ambos lados del apareamiento es la misma”* (Rivano, 1997/2013, p.128).

(18) Traduzido pelos autores. No original: *“Since we see truth as based on understanding and see metaphor as a principal vehicle of understanding, we think that an account of how metaphors can be true will reveal the way in which truth depends upon understanding”* (p.160).

(19) Traduzido pelos autores. No original: *“The first fallacy is that metaphor is a matter of words, not concepts. [...] First, the locus of metaphor is in concepts not words”* (Lakoff & Johnson, 1980/2003, p.244).

(20) Projeto aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal de Minas Gerais pelo Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 21711313.9.0000.5149.

(21) O psicólogo entrevistador foi um dos autores deste trabalho, Marcus Lepsqueur, como parte de sua pesquisa de doutorado em realização na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

(22) Disponível em: <<http://araw.mede.uic.edu/~alansz/metaphor/METAPHORLIST.pdf>>.

Contato para correspondência

M. Lepsqueur – Rua Eloi Mendes, 493. Sagrada Família. Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31030-110. E-mail: marcus.le@gmail.com **R.V. de Almeida** – Av. Fleming, 394, 201/04. Ouro Preto. Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31310-490. E-mails: rva@ufmg.br e rvapsi@gmail.com **L. Mazzingly** – Rua Calianira, 475. Juliana. Belo Horizonte, MG, Brasil. CEP: 31744-630. E-mail: luizmazzingly@hotmail.com **A.M. Tenuta** – Av. Antônio Carlos, 6627. Faculdade de Letras, Sala dos Professores. Pampulha, Belo Horizonte, MG, Brazil. CEP: 31270-901. E-mail: atenuta@gmail.com